

## Artigos Originais

### FORMAR PARA A DIVERSIDADE: DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

#### Original Articles

### TO FORM FOR DIVERSITY: CONTEMPORARY CHALLENGES IN TEACHER TRAINING

Frederico Alves Mota\*

<http://lattes.cnpq.br/3809520884962552>

[fred.historia@yahoo.com.br](mailto:fred.historia@yahoo.com.br)

Regina Célia Lima Caleiro\*\*

<http://lattes.cnpq.br/6437403118574913>

[regina.caleiro@gmail.com](mailto:regina.caleiro@gmail.com)



**CAMINE: Cam. Educ. = CAMINE: Ways Educ.**, Franca, SP, Brasil - eISSN 2175-4217 -  
está licenciada sob [Licença Creative Commons](http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/) 

#### RESUMO:

Este artigo busca construir uma reflexão em torno dos desafios contemporâneos do ensino superior brasileiro face às mudanças sofridas no perfil dos acadêmicos dos cursos de licenciatura. Nosso objetivo reside em discutir as possibilidades de trazer para a sala de aula um debate sobre o tema da diversidade étnico cultural por meio de uma linguagem que torne possível extrapolar as narrativas centradas exclusivamente no professor. Para o desenvolvimento da abordagem utilizamos como fontes um conjunto de postagens feitas no blog de um jornalista de renome no Rio Grande do Sul, em meio às repercussões dos debates promovidos pela Assembléia Legislativa do mesmo Estado acerca da legalidade dos sacrifícios de animais em rituais religiosos. Em diálogo com os estudos de Bronislaw Basczko sobre o imaginário social acreditamos que tais fontes são uma excelente matéria prima para instigar os acadêmicos a ouvirem os ecos do passado fornecendo a estes futuros profissionais uma possibilidade de construir pontes entre o ensino e a pesquisa.

**Palavras-chave:** Mídias. Educação Básica. Discurso. Religião Afro-brasileira. Brasil.

---

\* Graduado em História pela Universidade Estadual de Montes Claros (2007). Mestre em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Estadual de Montes Claros (2013).

\*\* Possui graduação em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP, mestrado em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP e doutorado em História pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. É editora da revista Caminhos da História e pesquisa na área de História social das mulheres e História e Literatura.

**ABSTRACT:**

This article seeks to build a reflection on the contemporary challenges of Brazilian higher education in the face of the changes undergone in the profile of undergraduate students. Our objective is to discuss the possibilities of bringing to the classroom a debate on the theme of ethnic cultural diversity through a language that makes it possible to extrapolate narratives focused exclusively on the teacher. For the development of the approach we used as source a set of posts made on the blog of a celebrated journalist in Rio Grande do Sul, amid the repercussions of the debates promoted by the Legislative Assembly of the same State about the legality of animal sacrifices in religious rituals. In dialogue with Bronislaw Basczko's studies on the social imaginary we believe that such sources are an excellent raw material to instigate academics to listen to the echoes of the past by giving these future professionals a chance to build bridges between teaching and research.

**Keywords:** Media. Basic Education. Discourse. Afro-Brazilian Religion. Brazil.

**INTRODUÇÃO**

Que culpa o animal tem pelos fracassos e demência desses vigaristas que se dizem religiosos? Os políticos, sempre com medo de peitar as "minorias", ou medo de algum sapo enterrado que possa comprometer as suas carreiras políticas. Esses macumbeiros fdptas deveriam receber uma multa pesada por fazer sujeira no meio da rua! (BRAGA, 2015 - 28 de abril de 2015 19:22).

Há algum tempo o ensino vem promovendo uma ampliação de seu leque metodológico ao experimentar as múltiplas linguagens presentes na sociedade como forma de construir esquemas que sejam mais familiares ao longo da formação dos profissionais da educação no mundo contemporâneo. A fotografia, a música e o cinema têm sido utilizados como forma de substituir um padrão de ensino excessivamente focado no aspecto conceitual das aulas expositivas centradas na figura do professor.

Acreditamos que a nossa proposta de debater um aspecto das relações étnico-raciais enfatizando as religiões afro-brasileiras por meio de comentários postados por seguidores da sociedade em um *blog* torna possível uma aproximação da narrativa histórica de práticas cotidianas dos futuros profissionais da

educação, usuários contumazes deste tipo de meio técnico<sup>1</sup>. Tal abordagem possibilita que os mesmos construam suas memórias imediatas - utilizando um termo de Abreu e Rangel (2015) - de maneira que os mesmos sejam capazes de dialogar com o passado por meio do presente viabilizando a participação dos discentes no debate visando assim uma formação consistente e capaz de dialogar com outras formas de abordar o tema.

A citação acima demonstra que a sociedade brasileira, apesar da ampliação dos debates acerca das diferenças, ainda guarda receios e inquietações no que se refere a religiões afro-brasileiras. A falta de compreensão e até mesmo as representações depreciativas que muitas vezes produzem atitudes extremas como o episódio da criança que foi apedrejada por estar trajando vestes cerimoniais, a alguns anos atrás, demonstram a necessidade de o tema ser colocado em discurso ao longo da formação dos profissionais que atuarão no espaço da educação formal.

O presente artigo surgiu de inquietações referentes aos desafios contemporâneos na formação de profissionais da educação, realidade que a cada dia tem exigido dos profissionais uma releitura constante de suas práticas docentes. A partir de uma pesquisa realizada na cidade de Montes Claros, região norte do Estado de Minas Gerais surgiram indícios de que existem lacunas no ensino da cultura afro-brasileira que comprometem uma formação consistente dos alunos da educação básica no que se refere a este tema<sup>2</sup>. Após a aplicação de um questionário a 116 alunos do nono ano do ensino fundamental de uma escola pública o resultado demonstrou que havia uma grande lacuna acerca da compreensão dos alunos em torno da cultura religiosa afro-brasileira permitindo a existência de uma visão bastante depreciativa sobre este grupo de fiéis. O enfoque foi dado ao ensino da cultura afro-brasileira por meio da disciplina História em decorrência das orientações da Lei 10.639/2003 (BRASIL, 2003), que determina que o debate deve ser levantado preferencialmente por esta disciplina assim como

---

<sup>1</sup> De acordo com Henry Jenkins (2009), meio técnico é o substrato material das formas simbólicas isto é, o elemento material com que, ou por meio do qual a informação ou o conteúdo simbólico é fixado e transmitido do produtor para o receptor.

<sup>2</sup> Para mais detalhes a respeito desta pesquisa ver: MOTA, 2016.

Literatura e Artes. As respostas dos alunos nos levaram a outros problemas de pesquisa, pois, partir desta constatação, outro aspecto ficou claro: tantos os profissionais formados a mais tempo, quanto os recém formados traziam aspectos em sua formação, que sugerem então a possibilidade de uma formação profissional que tem falhado quando o assunto é cultura afro-brasileira.

A partir dessa inquietação buscamos construir uma abordagem propositiva que visa debater a necessidade de promoção de uma prática docente voltada para a formação de profissionais conscientes dos processos de construção das narrativas históricas, bem como um estímulo à participação dos futuros profissionais do ensino no processo de ensino aprendizagem por meio da reflexão.

Dessa forma o nosso objetivo não é discutir exclusivamente o mérito dos debates promovidos pela Assembléia legislativa do Rio Grande do Sul. O que nos chamou atenção foi o fato de que a reportagem deu voz à sociedade, o que possibilitaria a utilização do espaço virtual como ferramenta que permite analisarmos os discursos e representações acerca da cultura religiosa afro-brasileira, dando voz a uma parcela da própria sociedade representada pelos internautas.

Acreditamos que tais aspectos precisam ser debatidos como parte da formação dos profissionais que atuarão posteriormente nos espaços educacionais. Assim o nosso interesse neste artigo não é a verdade proferida por meio da reportagem, nem mesmo por meio dos comentários dos internautas, mas as relações que estes discursos estabelecem com a sociedade brasileira, e como tais aspectos podem ser apropriados enquanto possibilidade de formar os profissionais da educação com mais consistência.

Partindo essa perspectiva construímos uma possibilidade de associar as práticas discursivas a uma conjuntura maior, promovendo entre os futuros profissionais da educação a noção de que os discursos são socialmente construídos e que o espaço das redes sociais que permitem à sociedade dar vazão às suas concepções é um campo rico para compreender a permanência no imaginário social de representações muito específicas acerca de alguns seguimentos da sociedade. Para a compreensão da força do imaginário social utilizamos a teoria de Bronislaw Bascko (1986). Para o autor:

[...] o imaginário social informa acerca da realidade, ao mesmo tempo em que constitui um apelo à ação, um apelo a comportar-se de determinada maneira. Esquema de interpretação, mas também de valorização, o dispositivo imaginário suscita a adesão a um sistema de valores e intervém eficazmente nos processos da sua interiorização pelos indivíduos, modelando os componentes, capturando as energias e, em caso de necessidade, arrastando os indivíduos para uma ação comum. (BACZKO, 1986, p. 311).

Partindo do princípio norteador que promove a preocupação com uma educação direcionada para as relações étnico-raciais e do espaço educacional enquanto um campo privilegiado para o debate, a presente análise procurou historicizar algumas representações depreciativas que ainda permeiam o imaginário social brasileiro acerca de um grupo religioso.

Ao considerarmos que o imaginário social brasileiro permanece permeado de representações que oscilam acerca das práticas religiosas afro-brasileiras, levantamos a possibilidade de abordar a temática no espaço da formação profissional de professores no intuito de promover o debate acerca do respeito à diversidade. Entendemos que trazer tais fontes para o espaço educacional é uma forma de estabelecer mediações entre a proposta de uma educação com vistas às relações étnico-raciais e a possibilidade de historicizar, ou seja, desnaturalizar atitudes preconceituosas em suas mais variadas formas.

Para o desenvolvimento da análise houve a necessidade de reconhecermos a viabilidade de múltiplos quadros nos quais os problemas de pesquisa poderiam se inscrever. Coube-nos trabalhar as fontes tendo em vista a necessidade de direcionarmos nossa abordagem às perguntas que gostaríamos que fossem respondidas. Dessa forma recortamos superfícies discursivas que reportavam diretamente às inquietações que motivaram a análise, ou seja: como uma educação para as relações étnico-raciais pode estabelecer mediações com discursos contemporâneos permitindo aos futuros educadores um diálogo consistente com o tema?

Não nos cabe neste breve artigo analisar os possíveis aspectos positivos ou negativos dessas novas formas de interação com o conhecimento por meio das mídias sociais. Contudo, em decorrência da aplicação dos questionários já

mencionados, foi possível compreendermos que neste contexto, a forma geral como o ensino de disciplinas como a História tem interagido com os alunos da educação básica permite a existência de lacunas que comprometem o desenvolvimento de uma consciência histórico/crítica em nossos jovens. Um problema que ao que parece, vem desde a graduação dos profissionais da educação e acaba se reproduzindo na educação básica.

De forma propositiva, nossas reflexões são fruto de um exercício em busca de dialogar com práticas que estimulem o ensino da cultura afro-brasileira em um contexto que exige da educação formal a compreensão de que as mudanças ocorridas no mundo necessitam que os procedimentos metodológicos sejam adequados à realidade de uma sociedade que carrega grandes limitações em aprender por meio das abstrações conceituais. Em uma realidade “multimídia” aprende-se mais interagindo, participando ativamente. Marcelo Abreu e Marcelo Rangel (2015) argumentam que o ensino de História teria duas funções na contemporaneidade:

[...] descrever e compreender narrativas históricas ou memórias etnocêntricas e imediatas infraconscientes que estariam orientando os alunos no processo de atualização da “consciência histórica; interagir com os demais espaços da cultura histórica e intervir sobre eles no sentido de descrever as narrativas históricas ou memórias etnocêntricas e imediatas mais gerais” (ABREU; RANGEL 2015, p. 15-16).

A análise dos autores nos permite aferir que há uma necessidade de os alunos experimentarem as narrativas históricas propostas nas salas de aula, o que garantiria uma maior participação no processo de ensino aprendizagem. Contudo para que isso ocorra, os docentes precisam estar capacitados para que os discentes se sintam provocados e que os mesmos consigam se ver como parte do processo. Os autores mencionam as possibilidades que atualmente são exploradas pela História através do uso de imagens, músicas filmes e outros procedimentos metodológicos que promovem uma maior exploração de linguagens diversas tendo em vista a necessidade de “[...] provocar os sentidos dos alunos e constituir um campo de experiências efetivo do qual eles possam participar e evidenciar suas memórias imediatas.” (ABREU; RANGEL, 2015, p. 17). Nesta perspectiva o

professor procederá como aquele que estimula nos alunos a possibilidade de questionar as narrativas centradas na autoridade de quem profere a narrativa.

Esta perspectiva que entende o ensino de História como uma possibilidade valiosa, adequou-se ao nosso objeto de análise, pois, se a educação para as relações étnico raciais constituem-se como uma preocupação no cotidiano escolar, mesmo que não seja amplamente praticada e conhecida por todos, há uma urgente necessidade de estimular uma prática docente que promova um ensino de História para além de uma apropriação conceitual. Uma prática voltada para o aprendizado que possa extrapolar a dimensão conceitual e que possa promover outros aspectos fundamentais do processo de ensino aprendizagem gerando assim uma postura em nossos alunos que faça parte de sua vida fora dos muros da escola.

Partindo desta premissa, o presente artigo objetivou dialogar com a possibilidade de problematizar aspectos da cultura afro-brasileira no espaço da formação dos profissionais que atuarão na educação formal por meio da utilização da linguagem tecnológica fortemente presente na contemporaneidade, a internet. A nossa proposta residiu em discutir o processo de branqueamento brasileiro tendo como foco as formas como nosso imaginário social permitiu a permanência de representações depreciativas acerca da cultura religiosa de origem africana e que ainda vigoram na contemporaneidade comprometendo os processos de desconstrução de subjetividades depreciativas, frente à crescente demanda dos movimentos sociais por uma sociedade plural, inclusiva e tolerante. Para alcançar nosso objetivo fizemos uso de postagens feitas por internautas em um blog de um renomado jornalista referente a um debate promovido pela Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul.

***“Acredito que nem meus filhos e, talvez, nem meus netos verão um Brasil civilizado!”: A análise das fontes***

No dia 28 de Abril de 2015 foi publicado no blog do jornalista Políbio Braga<sup>3</sup> uma notícia sobre a decisão tomada pela Comissão de Constituição e Justiça da Assembléia do Rio Grande do Sul. A notícia em questão refere-se ao Projeto de Lei (PL) 21/2015, de autoria da deputada Regina Becker (PDT), que buscava a retomada da redação original do Código Estadual de Proteção aos Animais, retirando o parágrafo que autoriza o sacrifício de animais em rituais religiosos. Dessa forma o objetivo da Deputada é a proibição dos sacrifícios, o que afetaria diretamente alguns grupos religiosos adeptos das mesmas. De acordo com o que foi noticiado no blog, a votação foi acompanhada por defensores dos direitos dos animais e também por fiéis ligados às religiões afro brasileiras, o que gerou um acalorado debate seguido de exaltações de ambas as partes. Por fim, o parecer recebeu onze votos contrários e um favorável. A maioria dos parlamentares presentes justificou que a matéria era inconstitucional<sup>4</sup>.

No momento em que a notícia foi apresentada no blog, no título da reportagem havia de forma implícita, uma sugestão de como o leitor deveria interpretar os fatos que se seguem, vejamos: “*Deputados gaúchos da CCJ (11 x 2) decidem manter sacrifícios de animais em cultos afros. Só Regina Becker e Gabriel Souza querem o fim das crueldades*”. Ao pronunciar seu julgamento sobre o mérito da questão o autor do artigo dá o seu veredicto: é uma prática cruel. Em seguida, logo abaixo uma imagem com um frango degolado, ensangüentado e cercado de velas e outros objetos de cunho ritualísticos depositados no que parece uma calçada, dá o tom da mensagem.

O título associado à imagem criou um efeito bastante expressivo. Este efeito discursivo que possibilita propor um debate entre os futuros profissionais acerca da função do gênero literário em questão: um texto jornalístico. Ao introduzirmos o debate

---

<sup>3</sup> Políbio Braga é jornalista e escritor. Foi secretário da Indústria e Comércio e da Fazenda de Porto Alegre, além de secretário de Relações Internacionais e chefe da Casa Civil do governo do estado do Rio Grande do Sul. Nascido em Santa Catarina, foi para o Rio Grande do Sul onde trabalhou nos jornais Diário Catarinense, Correio da Manhã, Última Hora, Gazeta Mercantil, Zero Hora, Correio do Povo e Jornal do Comércio, e nas revistas Veja e Exame. Também apresentou e participou de programas de televisão na RBS, Band TV Pampa e TV Guaíba, e além de programas de rádio. Atualmente é editor de um site com notícias sobre economia e política.

<sup>4</sup> Segundo a Constituição Federal em seu artigo 5º é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei a proteção aos locais de culto e suas liturgias (BRASIL, 1988).



por meio de tal recurso cria-se a possibilidade de problematizar não só o gênero literário apresentado, mas também outros tipos de narrativas, dentre elas, a própria construção do conhecimento histórico demonstrando que a própria história é um tipo de narrativa construída por historiadores. Historiadores que são atravessados por subjetividades que não permitem a tão sonhada imparcialidade defendida por muitos. Após a publicação do título e da imagem seguem-se 22 comentários que variaram da defesa aos deputados até sugestões de como os praticantes de sacrifícios de animais devem proceder para garantir uma higienização do espaço público.

Uma fonte que pode ser amplamente debatida é o comentário do internauta de Eldorado do Sul/RS ao postar que: “Era de se esperar a manutenção desses rituais primitivos vindos das regiões mais atrasadas do planeta, afinal, isso ajuda a entender o motivo pelo qual em nosso Estado, a única coisa que vai para a frente é o atraso.” (BRAGA, 2015 - 28 de abril de 2015 15:47). É importante ressaltarmos que trabalhar a História em uma perspectiva crítica significa que a mesma deve ser pautado pelo rigor com que aborda seu objeto. A presente pesquisa ao dialogar com as mídias em uma perspectiva histórica buscou evitar o esvaziamento histórico com que muitas vezes os assuntos são tratados por aqueles que não estão familiarizados com o ofício da pesquisa. O pesquisador que aborda conjunturas recentes, fato que muitas vezes não ocorre na atividade jornalística, precisa construir uma ponte entre o seu objeto e sua expressividade histórica, evitando assim uma abordagem que valoriza a informação por si só.

Ao analisarmos a fonte acima e revisitando a história do Brasil, percebemos que os discursos que estabelecem os lugares do eu e do outro produzem uma percepção de que o diferente, o “exótico” é um elemento ameaçador da própria identidade cultural. Este elemento ameaçador quando visto por um prisma etnocêntrico parte, segundo Everaldo Guimarães Rocha (2004) de uma percepção de que o outro não possui nem mesmo autonomia para falar de si, o que acaba por legitimar as práticas corretivas e muitas vezes excludentes. A visão do internauta que dialoga com representações de uma África atrasada, primitiva e que a permanência de certos costumes advindos desta região constituiria uma dos motivos para a permanência de nosso atraso compõe o imaginário brasileiro.

Importa ressaltar que a linguagem é carregada de intencionalidade e não é natural, mas sim, fruto de processos históricos e, em decorrência desse fato a análise não pode estar desvinculada da conjuntura em que foi produzida. No caso do Brasil as condições de produção de um discurso deste teor derivam de formações imaginárias consolidadas, responsáveis por estabelecer hierarquias entre as posições de quem fala, assim como a do receptor. Segundo Orlandi (2001) é importante considerar o espaço em que cada discurso foi produzido assim como as instituições e os embates históricos nos quais se insere. O discurso é lugar de embate, é produtor de poder e tem como uma de suas funções a dominação. Em outra postagem, o internauta defende que:

É incrível a postura de nossos vereadores. Primeiramente, os resíduos deixados por estas práticas que são sempre posteriormente abandonadas, tornam-se um foco criatório de ratos e moscas que comprometem a saúde da população. Talvez a criação de locais específicos para estes procedimentos poderia diminuir este problema. (BRAGA, 2015 - 28 de abril de 2015 14:45).

Na fala do autor fica clara a sua preocupação com os possíveis problemas de saúde pública advindos das práticas de sacrifício. Como já mencionamos todo discurso traz em si interesses e sua funcionalidade dependerá da autoridade de quem o profere. Evocar um discurso de origem científica como forma de estabelecer legitimidade para um argumento que condena práticas culturais de um grupo religioso, também dialoga com o imaginário social brasileiro. Dessa forma a análise crítica dos discursos amplia a nossa compressão para aspectos além da abordagem lingüística. Tal abordagem proporciona uma análise capaz de captar a materialidade da língua de forma que aquilo que não é dito explicitamente traz à tona não a verdade em si, mas aquilo que Orlandi (2001, p. 59) definiu como “[...] o real do sentido em sua materialidade lingüística e histórica.”

Tal abordagem nos permite por exemplo, levantar questões como o advento de uma sociedade cada vez mais urbanizada, a diminuição das áreas verdes assim como a consolidação de uma sociedade juridicamente organizada. Questões que produzem consequências para as práticas de grupos como os adeptos de rituais que fazem uso de sacrifícios de animais. Tradicionalmente, no Candomblé que é uma

religião fortemente ligada aos elementos da natureza, as oferendas eram depositadas junto à natureza, em matas riachos e espécies específicas de árvores. A diminuição das áreas verdes tem contribuído para que as oferendas, cada vez mais, sejam parte do espaço urbano, gerando posicionamentos como os apresentados nas postagens. A mobilização de setores favoráveis e contrários a tais medidas saneadoras produziu um emaranhado de concepções acerca do que é religião, curandeirismo, feitiçaria ou charlatanismo. Dessa forma, os debates vêm sendo travados no campo jurídico/institucional, mas, sobretudo no campo simbólico.

Construir tais análise junto com os futuros profissionais da educação permite o estabelecimento de uma noção de historicidade acerca das construções discursivas referentes às religiões afro-brasileiras e também debater aspectos referentes à consolidação da modernidade juntamente com a eclosão de um modelo de Estado cunhado pelos valores burgueses e pautado em uma perspectiva de Estado laico em prol da retirada da religião do espaço público<sup>5</sup>. Inicialmente a conformação do Estado republicano veio acompanhada de uma visão modernizadora e de uma série de medidas sanitárias que buscavam “organizar” o espaço público. Seguindo essa perspectiva de implantação de uma ordem pública moderna, a normatização de comportamentos alvejou as práticas religiosas afro-brasileiras. Criou-se, portanto um padrão classificatório que não se restringiu à aplicação de normas aos espaços públicos. Um professor que pretende atuar em sala de aula precisa estar apto a desenvolver um raciocínio capaz de construir tais relações.

Peter Fry (1982) afirma que nas primeiras décadas da República as práticas médico sanitaristas trouxeram à tona um discurso que nas entrelinhas deixava a entender que apesar do fim do Padroado<sup>6</sup> o discurso que por muito tempo foi

---

<sup>5</sup> A separação jurídica entre Estado e Igreja se deu em meados de 1891 com a promulgação da primeira Constituição Republicana.

<sup>6</sup> No decorrer da história do Brasil Imperial o tratamento não havia mudado muito já que, desde a colônia o Padroado garantia que as relações do Estado para com a Igreja fossem de mutualismo. Portanto, africanos permaneceram tendo suas práticas consideradas como heréticas e profanas. Entretanto, segundo Roger Bastide (1975), a partir da “[...] segunda metade do século XIX, o número de negros libertados vai aumentando, permitindo uma mais fácil solidificação das crenças africanas no novo habitat.” Porém, apesar deste desenvolvimento, o fim do século XIX e o início do século XX demonstrará que o imaginário depreciativo acerca de suas praticas ainda prevalecerá.

produzido por instituições religiosas de matriz cristã agora tem um novo representante: a Medicina. Não demorou muito tempo para que esta concepção associasse os cultos afro brasileiros a uma questão patológica, justificando inclusive a intervenção policial junto aos terreiros sob a alegação de que os mesmos praticavam o curandeirismo, ou seja, exerciam de forma irregular a prática da Medicina. Os futuros professores precisam estar capacitados a desnaturalizar visões preconceituosas e identificar os processos de construção história desta visão modernizadora em oposição ao “primitivismo” dos cultos afro brasileiros, para que os ecos do passado passem a ser compreendidos no presente.

O avanço dos meios de comunicação ampliou a visibilidade dos discursos presentes na sociedade. Cada grupo com suas demandas e pautas específicas que variam da defesa dos direitos dos animais, até as bandeiras que pregam a moralização da política, dentre tantas outras. O fato é que, estes discursos com muita frequência passaram a ser disponibilizados em domínio público. A internet tornou-se um espaço com amplo fluxo de informações que não raramente estão em competição. Na perspectiva de autores como Paul B. Thompson (1995), o espaço midiático tornou-se uma forma de obter visibilidade. Em muitos casos a obtenção dessa visibilidade pode ser utilizada para denegrir ou exaltar pessoas, grupos ou posições (THOMPSON, 1995).

Ao entrar em contato com a mensagem divulgada, é possível que os receptores acionem todo um conjunto de conhecimentos já transmitidos culturalmente. Entendemos que ao colocar as práticas religiosas afro-brasileiras em discurso a partir de meios técnicos como a internet criam-se possibilidades de interação entre indivíduos separados por longas distâncias potencializando a capacidade de influenciar visões de mundo. A utilização de tais meios técnicos aumentou o impacto da mensagem sobre a sociedade brasileira em um momento peculiar em que parte da sociedade civil tem se mobilizado na busca de levar às instâncias de poder o debate acerca da situação das minorias no Brasil, assim como promover as práticas de cidadania em uma sociedade que conta com um imaginário social propenso a interagir com tipos específicos de representações.

Em meio a este quadro a nossa proposta reside em disponibilizar junto aos futuros educadores uma abordagem que, por meio de fontes, se propõe a problematizar o espaço virtual enquanto palco de inúmeras disputas que atingem números cada vez mais expressivos de grupos e pessoas. Dessa forma é possível levantarmos um debate em torno das representações depreciativas acerca de aspectos da cultura afro-brasileira, historicizando a construção de certos estigmas.

Em linhas gerais, os professores precisam compreender que o conhecimento humano deve ser analisado considerando o fato de que as sociedades se constroem em uma perspectiva de interpretação passado/presente. O professor ao buscar exercer o seu ofício precisa dominar as linhas gerais dos processos históricos em suas várias dimensões. É primordial que o mesmo conheça as perspectivas historiográficas, e seja capaz de estabelecer diálogos com o revisionismo, bem como os avanços metodológicos de seu ofício. Por isso é importante estarmos capacitados para fazer a articulação entre a teoria e a prática de forma crítica, tanto na atividade de ensino quanto na pesquisa.

Discutindo acerca dos novos suportes de informação na escola, Flavia Eloisa Caimi e Bárbara Nicola (2015) apresentam um cenário contemporâneo em que a sociedade é partícipe de uma cultura fragmentada. Uma espécie de colcha de retalhos onde, muitas vezes, os acadêmicos e futuros profissionais têm muita dificuldade de unir estes fragmentos e construir um significado coerente com a sociedade em que está inserido<sup>7</sup>. Quando falamos em diversidade é importante considerar que na década de 1990 houve uma ampliação das propostas dos estudos pós-estruturalistas. Tal ampliação acabou gerando o que ficou conhecido como multiculturalismo. Tal perspectiva ao propor discursos teóricos que valorizassem a diferença, deu voz aos que até então não eram ouvidos e propôs a sua inserção no diálogo cultural. No entanto essa perspectiva acabou por gerar reações por parte

---

<sup>7</sup> Autores como Stuart Hall (2005) já algum tempo tem afirmado que o século XX vivenciou um processo complexo para elaboração de um tipo de identidade fragmentada frente a uma realidade cada vez mais plural. A crise de identidade decorre das dificuldades que levam os sujeitos a buscarem elementos capazes de auxiliá-los na busca pelo entendimento de si.

dos grupos que se identificavam com um viés conservador e que saíram em defesa de seus cânones (KELLNER, 1995)<sup>8</sup>.

Compondo este cenário os estudos têm apontado que os profissionais que dialogam com a aprendizagem e outros aspectos da vida social a partir de um referencial multimídia mudaram significativamente a sua relação com a educação. Nesta perspectiva o espaço da educação formal tornou-se mais um dos espaços para aquisição de informações fato que, do nosso ponto de vista, precisa ser melhor referenciado uma vez que entendemos que a educação não deve estar restrita à transmissão de informações e sim, um espaço para a construção do conhecimento e da autonomia intelectual por meio do debate de ideias e problematizações e pesquisa.

Seguindo com a nossa proposta vejamos a postagem a seguir: “Satanás vai clamar a alma destes feiticeiros e destes vereadores covardes, cedo ou tarde. Aí no inferno poderão dar de cara com os animais esquartejados pelos ritos primitivos e estúpidos destes feiticeiros satanistas.” (BRAGA, 2015 - 28 de abril de 2015 19:38). A fonte faz uso de um tipo de representação de cunho religioso que parte de uma visão que estabelece uma hierarquia entre as religiões de maneira que as que destoam dos ritos concebidos como socialmente aceitáveis são realocadas para o campo da transgressão. Para que esse tipo de argumento não seja desacreditado é preciso que haja um receptor apto a decodificar a mensagem. É preciso que este sujeito seja portador de um instrumental que o torne capaz de interpretar a mensagem nos moldes em que é sugerido pelo enunciador permitindo que o processo de compreensão ocorra em decorrência do nível de reciprocidade entre a mensagem e o intérprete.

A conjuntura histórica em que as postagens se inserem, em diálogo com as representações sobre a cultura religiosa afro-brasileira quando analisadas em conjunto devem permitir que os futuros professores sejam capazes de ouvir os ecos do passado assim como os elementos constitutivos do presente. Considerando o fato de que o conhecimento se produz por meio de um processo dinâmico, e que para compreendermos este processo é necessário estabelecermos relações entre

---

<sup>8</sup> Posteriormente autores como Stuart Hall (2005) afirmaram que o século XX vivenciou um processo complexo para elaboração de um tipo de identidade fragmentada frente a uma realidade cada vez mais plural. A crise de identidade decorre das dificuldades que levam os sujeitos a buscarem elementos capazes de auxiliá-los na busca pelo entendimento de si.

presente e passado, abrimos espaços para que os discursos analisados sejam compreendidos de forma consistente dentro de seu contexto. É nesse sentido que julgamos pertinente promover tais debates e assim analisar de que formas os discursos de uma parcela da sociedade tem contribuído para a manutenção do imaginário coletivo brasileiro acerca da cultura afro-brasileira.

Incluir na formação dos profissionais da educação aspectos sociais por meio dos debates divulgados pelas mídias permite uma compreensão das diversas consequências que advêm da transmissão de conteúdos simbólicos por parte de segmentos da sociedade ao disponibilizarem sua visão de mundo através desses recursos. Ao analisarmos o conteúdo postado que aborda a temática das práticas religiosas afro-brasileiras, defensoras de um posicionamento que muitas vezes desconsidera a subjetividade que envolve os valores simbólicos que norteiam as práticas de um grupo de fiéis, abrimos a possibilidade de compreensão das maneiras pelas quais as representações depreciativas se perpetuam mantendo formas específicas de como os indivíduos se relacionam com a diversidade. A educação deveria ter um papel mais amplo neste processo de problematização e desnaturalização de estigmas e preconceitos. É fato que o avanço dos meios de comunicação acabou por alterar as formas da juventude e os demais indivíduos se relacionarem com o passado. Cada vez mais as gerações dependem de formas mediadas para acessá-lo. Mesmo levando em consideração uma perspectiva que sugere a mediação entre a mensagem e o receptor, de um receptor interativo e não passivo, não podemos negligenciar o fato de que os meios de comunicação têm dado a sua parcela de contribuição para moldar o mundo em que vivemos uma vez que se aprimoraram enquanto veículos de transmissão cultural. Apesar da oralidade ainda ter um papel de peso na transmissão de conteúdos, a mesma tem operado cada vez mais em conjunto com os conteúdos produzidos e comercializados pela cultura midiática. As experiências pessoais são ampliadas de forma que ao serem colocados em contato com realidades até então distantes espacialmente os sujeitos estabelecem a possibilidade de uma sensação de pertencimento a “[...] grupos e comunidades que se constituem em partes através da mídia.” (THOMPSON 1995 p. 62). Para a

sociedade contemporânea usuária contumaz das redes sociais, este pertencimento muitas vezes exerce uma influência maior que a própria educação formal.

Quando indivíduos manifestam posicionamentos do tipo “Macumbeirismo, vodu, umbanda isso nunca foi e nunca será religião. Isso é idolatria, paganismo, ritos do Mal.” (BRAGA, 2015 - 28 de abril de 2015 20:17). Ou então: “Eu fico mal com essas crueldades. Isso não é um ritual de gente normal.” (BRAGA, 2015 - 29 de abril de 2015 08:53), estamos diante da possibilidade de desenvolvermos uma análise de tais argumentos na constituição do imaginário social brasileiro fortemente marcado pelo preconceito. Ao analisarmos estes discursos é imprescindível que o ensino, frente ao complexo quadro de transição modernidade/pós-modernidade, seja capaz de enfrentar os inúmeros desafios decorrentes das transformações nas formas de interação com o conhecimento. Um destes desafios é a educação para a diversidade das relações étnico/raciais que precisam ser desenvolvidas evitando certos modismos e elegendo os valores que precisam ser cultivados e preservados. Um desses valores é a tolerância religiosa.

Bernadete Gatti (2005) ao debater os desafios enfrentados pela pesquisa em educação afirma que o currículo, apesar de ainda amparado por um saber científico, encontra-se fragilizado frente ao momento de transição. Diz a autora que “[...] o volume e a constante mudança em conhecimentos e áreas do saber traz para os currículos uma obsolescência que os expõe à crítica de vários setores sociais.” (GATTI, 2005, p. 602). Dessa forma a educação encontra-se pressionada a priorizar conhecimentos que proporcionem uma melhor integração do sujeito ao modelo de sociedade que se desenvolve voltado para a comunicação e a tecnologia.

A nossa abordagem coaduna com a ideia de que a formação docente ao fazer uso de fontes contemporâneas disponibilizadas através de meios técnicos como a internet amplia a sua eficácia no processo de ensino aprendizagem. Por meio da exploração das linguagens pelas quais o passado se torna presente, é possível provocar os sentidos promovendo uma menor ênfase no modelo de aula exclusivamente conceitual. Contudo, para não permanecer no verbalismo é preciso que os professores estejam qualificados, tanto técnico como cientificamente para promover tais práticas.



A agilidade das comunicações alterou a concepção de tempo, de memória e até de realidade. A internet aproximou os homens em tempo real, inventou uma linguagem própria e diminuiu distâncias e diferenças, ampliando de forma considerável a concepção de fontes históricas. Portanto mais do que nunca pensar o documento histórico somente como fontes tradicionais é um procedimento reducionista, pois a noção de documento foi ampliada consideravelmente nas últimas décadas.

Dessa forma, ao teorizarmos a interpretação das postagens no que se refere às práticas das religiões afro-brasileiras, é importante que os profissionais considerem a conjuntura e as condições históricas e contextuais específicas em que foram produzidas e seus sentidos diversos. O enunciador não tem o controle de como será interpretado é por isso que estas postagens, ao serem analisadas enquanto proposta que contribui para a formação dos professores não devem ser compreendidas como produto de um sujeito, e sim, como enunciados que dialogam com uma posição sócio histórica. O professor precisa ter claro que a análise das fontes tem como objetivo compreender as condições sócio-históricas de produção de um determinado discurso.

É importante que o profissional da educação, ao tratar da cultura afro-brasileira ressalte que é reducionista compreender as religiões de origem africana unicamente como um espaço de culto religioso. Em toda a nossa história, desde a Colônia, tais práticas foram responsáveis pela preservação de tradições de inúmeros povos africanos que aqui desembarcaram o que veio a torná-las um importante espaço de resistência e preservação deste mosaico cultural que é o Brasil. Entendemos que tais questões ao serem trazidas para o espaço da educação formal trazem uma valiosa contribuição para uma educação das relações étnico-raciais.

Em direção às nossas considerações finais destacamos ainda o fato de estarmos em um momento onde a informação tem se propagado rapidamente atingindo públicos cada vez mais amplos e diversos. Maria Malta Campos (2009) analisando a utilidade da pesquisa em educação procurou, dentre outros aspectos, compreender como a sociedade aplica os resultados da pesquisa em educação. Constatou que haveria uma espécie de confusão entre o conhecimento

especializado e o conhecimento comum. Ou seja, pessoas sem o conhecimento teórico acabam por apropriar-se das análises oriundas das pesquisas científicas gerando interpretações distorcidas.

Campos (2009), destaca ainda a conjuntura brasileira onde a educação passou a fazer parte de uma agenda internacional em meados dos anos 1990, o que gerou reformas no ensino para atender a uma pauta unificada imposta por órgãos internacionais como o Banco Mundial, a Unesco e a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). A aplicação dessas fórmulas prontas desconsiderou aspectos peculiares à nossa realidade educacional. Dessa forma, no Brasil uma educação que tenha como propósito a erradicação de toda forma de racismo perpassa por aspectos dos quais a escola precisa estar apta a debater.

Entendemos que acima de tudo precisamos formar melhor os profissionais que atuarão no ensino. Não só reconhecer, mas também debater em sala de aula a importante contribuição e a preservação da cultura religiosa afro-brasileira além de problematizar tal questão por uma perspectiva exclusivamente conceitual não atende mais à realidade. Buscar referenciar o passado por meio de uma abordagem que traga para o espaço das aulas de linguagens contemporâneas disponibilizadas em meios técnicos parece ser uma forma possível de tornar o passado mais presente sem incorrer no anacronismo.

Em um artigo do historiador Ciro Flamarion Cardoso (2005) as palavras de Lucien Febvre são lembradas quando afirmou certa vez que a História é ao mesmo tempo a ciência do passado e a ciência do presente, tornando-se desta maneira a forma pela qual o historiador atua na sua época, na sua sociedade explicando o contexto social contemporâneo e, porque não, contribuir para moldar um futuro mais solidário e justo. Assim, a escolha de temas deve estar atenta às prioridades sociais do momento em que se vive. Na atual conjuntura onde tanta intolerância e fundamentalismos das mais variadas espécies coexistem com o anseio de setores da sociedade por respeito à diversidade é que decidimos apostar em uma possibilidade de ensino que preza pela autonomia do educador por meio de uma formação mais crítica e menos passiva.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do artigo procuramos refletir sobre a pergunta que motivou o desenvolvimento deste trabalho: como uma educação para as relações étnico-raciais pode estabelecer mediações com discursos contemporâneos permitindo aos futuros educadores um diálogo consistente com o tema?

A proposta de análise buscou compreender a partir do espaço da formação de professores como seria possível formar de forma mais consistente os profissionais da educação para debater o tema da diversidade étnico racial. Concluímos que ao trabalharmos com uma noção de historicidade das ações humanas no contexto de formação dos professores estabelecemos como foco a necessidade de contribuir com as reflexões que buscam o desenvolvimento de atitudes de respeito e compreensão para com a diversidade. É preciso considerar ainda a complexidade que envolve o estudo sobre a cultura religiosa afro-brasileira na sala de aula e as atuais necessidades que os estudantes da graduação enfrentam frente aos antigos paradigmas no ensino. Um ensino que por muito tempo foi centrado na figura do professor e suas narrativas.

As fontes foram analisadas buscando desnaturalizar os discursos preconceituosos acerca das práticas culturais afro-brasileiras em consonância com a atual concepção do ensino com o objetivo de promover a construção da cidadania. Dessa forma ao demonstrarmos as possibilidades de abordar a cultura afro-brasileira a partir de sua matriz religiosa nos amparamos nos princípios norteadores das Diretrizes Curriculares da Educação Básica, mais especificamente nos tópicos que se referem à Consciência Política e Histórica da Diversidade e às Ações Educativas de Combate ao Racismo e a Discriminações.

Segundo as determinações que orientam a abordagem da História da cultura africana na educação formal brasileira, as possibilidades de abordagens são inúmeras. No entanto, é fundamental que todas elas sejam pautadas por representações positivas acerca da cultura afro-descendente e em permanente crítica às práticas depreciativas e preconceituosas.

Buscamos neste artigo, por meio do diálogo com fontes midiáticas a criação de alternativas às dificuldades que por muito tempo comprometeram o ensino do tema. Considerando a importância que a religião representou e ainda representa para a preservação de inúmeros aspectos da cultura afro-brasileira, reconhecemos que a temática precisa ser abordada na educação com a profundidade, coerência e respeito à sua importância.

Acreditamos na possibilidade de o ensino de ser mais interativo de maneira que a formação dos professores não se torne um rolo compressor que tudo homogeneiza como uma espécie de linha de produção que, como diz Gatti (2005, p. 605) produz um modelo educacional orientado por uma lógica industrial: “produtividade/ eficiência/ uniformidade”.

Ensejamos o estímulo à reflexão para a elaboração de conhecimentos voltados para o exercício da cidadania e a compreensão de que as tecnologias podem ser aliadas valiosas na promoção de uma educação para o respeito e tolerância à diversidade.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Marcelo; RANGEL, Marcelo. Memória, cultura histórica e ensino de história no mundo contemporâneo. **História e Cultura**, Franca, v. 4, n. 2, p. 7-24, set. 2015.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: ENCICLOPEDIA Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional : Casa da Moeda, 1986. v. 5.

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil**. São Paulo: Pioneira, 1975. 2 v.

BLOCH, Marc. **Apologia da história: ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRAGA, Políbio. **Deputados gaúchos da CCJ (11 x 2) decidem manter sacrifícios de animais em cultos afros. Só Regina Becker e Gabriel Souza querem o fim das crueldades**. Porto Alegre, 28 abr. 2015. Disponível em: <<http://polibiobraga.blogspot.com.br/2015/04/deputados-gauchos-da-ccj-11-x-2-decidem.html>>. Acesso em: 18 abr. 2015.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 5 out. 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm)>. Acesso em: 2 jan. 2015.

\_\_\_\_\_. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 jan. 1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm)>. Acesso em: 2016.

\_\_\_\_\_. Lei n. 10.639, de 9 de Janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 10 jan. 2003. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm)>. Acesso em: 2016.

\_\_\_\_\_. Lei n. 12.288, de 20 de julho de 2010. Institui o Estatuto da Igualdade Racial; altera as Leis nos 7.716, de 5 de janeiro de 1989, 9.029, de 13 de abril de 1995, 7.347, de 24 de julho de 1985, e 10.778, de 24 de novembro de 2003. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 21 jul. 2010. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/lei/l12288.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12288.htm)>. Acesso em: 2016.

BRODBECK, Marta de Souza Lima. **Vivenciando a história**: metodologia de ensino da história. Curitiba: Base, 2012.

CAIMI, Flavia Heloisa; NICOLA, Bárbara. Os jovens, a aprendizagem histórica e os novos suportes de informação. **OPIS**, Catalão, v. 15, n. 1, p. 60-69, 2015.

CAMPOS, Maria Malta. Para que serve a pesquisa em educação? **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 39, n. 136, p. 269-283, jan./abr. 2009.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Um historiador fala de teoria e metodologia**: ensaios. Bauru, SP: Edusp, 2005.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Conselho Pleno. Resolução n. 01 de 17 de junho de 2004. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico - Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 22 jun. 2004. Seção 1. p. 11. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf>>. Acesso em: 2016.

FRY, Peter. **Para inglês ver**: identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GATTI, Bernadete. A pesquisa, educação e pós modernidade: confrontos e dilemas. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 35, n. 126, p. 595-608, set./dez. 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DT&A, 2005.

HENNING, Leoni. As relações problemáticas da filosofia da educação no Brasil: um exercício da filosofia da educação. **História e Cultura**, Franca, v. 4, n. 2, p. 85-99, set. 2015.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

JODELET, Denise. (Org.). **As representações sociais**. Tradução de Lílian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

LODY, Raul. **O povo do santo**: religião, história e cultura dos orixás, voduns, inquices e caboclos. Rio de Janeiro: Allas, 1995.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília, DF, 2013.

MONTEIRO, Paula. Controvérsias religiosas e esfera pública: repensando as religiões como discurso. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 1, p. 167-183, 2012.

MOTA, Frederico Alves. As religiões afro-brasileiras: uma possibilidade de abordagem na educação formal. **Locus: Revista de História**, Juiz de Fora, v. 22, n. 2, p. 461-478, 2016.

\_\_\_\_\_. **A renovação conservadora do catolicismo brasileiro e a homossexualidade – 1990/2010**. 2013. (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2013.

ORLANDI, Eni. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. São Paulo: Pontes, 2001.

PARÉS, Luis Nicolau. **A formação do candomblé**: história e ritual da nação jeje na Bahia. Campinas: Ed. Unicamp, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 15, n. 29, p. 9-27, 1995.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. (História & ... reflexões , 5 )

PINSKY, Carla Bassanesi. **Fontes históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

ROCHA, Everardo P. Guimarães. **O que é etnocentrismo**. São Paulo: Brasiliense, 2004. (Primeiros passos, 124).

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Tradução de Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis: Vozes, 1995.

VERGER, Pierre. **Orixás, os deuses yorubás na África e no novo mundo**. 4. ed. Salvador: Corrupio, 1992.